

A angústia sem fim do eleitor brasileiro

Em outros países, sabe-se em horas o nome do presidente

Depois de 29 anos de jejum eleitoral, os eleitores brasileiros não mereciam tanta lentidão na apuração oficial. O que se viu nos últimos dias foi um rosário de acusações, suspeitas e desculpas envolvendo o Tribunal Superior Eleitoral. O cenário esteve pior no dia 16, quando, 24 horas após a votação, o total oficial de votos apurados não passava de 4%. Apesar de tudo isso, o presidente do TSE, ministro Francisco Rezek, garantiu ontem: "O verbo atrasar não figura em nossas discussões".

No mundo desenvolvido, não só se vota com mais frequência como o eleitor é poupado da angústia de dias de espera. Não é necessário nem ir longe, aos Estados Unidos ou à Europa. A Argentina soube no dia 14 de maio, seis horas depois da votação, que Carlos Menem era seu novo presidente, com 47% dos votos contra 37% para Eduardo Angeloz. Era apenas uma projeção. Mas, nove horas após a votação, já tinham sido apurados os votos de 90% das urnas do país.

Isto é possível na Argentina por causa do sistema adotado pela Direção Nacional Eleitoral, que faz lá o papel do TSE. A apuração é feita em duas vias. A via lenta segue fisicamente os votos e urnas desde os locais de votação mais remotos até a central de apurações em Buenos Aires. Esta é a apuração oficial e durou cerca de 15 dias até o resultado final. A via rápida — parecida com a que a Globo adotou nos últimos dias — é feita através das linhas de telex e dos circuitos de computadores do correio. É tratada como uma apuração provisória e em menos de 24 horas praticamente encerra a contagem de votos. Nem por isso é menos confiável. "A margem de erro de uma para outra não chega a 1%", assegura Marta Valle, sub-chefe do Departamento de Estatísticas da Direção Eleitoral.

Brigas — Dessa forma, o TSE argentino neutraliza o trabalho das televisões e especialmente das rádios, que costumam ser muito mais ágeis mas que acabam se limitando a antecipar os resultados nas primeiras horas de apuração. Na última eleição, a Rádio Mitre foi a primeira a cantar a



Para Rezek, "o verbo atrasar" nem se discute

vitória de Menem, apenas 90 minutos depois de iniciada a votação, quando o sistema de apuração oficial ainda não fora acionado. Utilizando dados próprios, a Mitre fez uma projeção que dava 41% dos votos a Menem. Num caso de disputa apertada como a da eleição brasileira, entre Brizola e Lula, sua projeção não serviria muito. Um outro fato complica a divulgação brasileira: não estamos em busca de um vencedor mas de um segundo colocado.

A lenta divulgação dos resultados oficiais no Brasil acabou gerando brigas entre os vários organismos estatais. Embora o presidente do TSE, ministro Francisco Rezek, continue insistindo que não houve problema algum, o fato é que tanto o Serpro quanto o TSE responsabilizaram os TREs pela demora na totalização dos votos. O coordenador geral de informática do TSE, Roberto Siqueira, atribuiu à falta de microcomputadores a lentidão. "Se, em vez de apenas 50 micros nos TREs do país, nós tivéssemos 4.500 micros nas zonas eleitorais, o resultado sairia muito mais rápido", alega Siqueira. Já os TREs, mesmo aqueles do Rio de Janeiro e São Paulo, campeões do atraso, não admitem que tenha havido qualquer atraso.

"O programa está sendo cumprido normalmente", garantiu o assessor do TRE paulista, Francisco José da Costa. "Nossa previsão era de cinco dias para a totalização", argumentou o chefe da Comissão Eleitoral do Serpro, empresa contratada pelo TSE para totalização dos dados, Manuel Ortega. No Rio, o presidente do TRE, desembargador Jorge Lo-

retti, atribuía a lentidão ao rigor: "Nossa preocupação é com a exatidão e a segurança. A Rede Globo tem uma preocupação informativa".

Influência — Diante desse engarrafamento nos TREs — previsto pelo TSE mas não pelo eleitorado —, a TV Globo passou a ser o centro das atenções do país, a ponto de ser acusada de vilã da história por seu arqui-inimigo, o candidato do PDT, Leonel Brizola. Sem entrar no mérito da agilidade do superesquema montado pela Globo, o que se testemunha no Brasil é uma situação atípica. Outros países não costumam entregar o trabalho de coleta e divulgação de boletins a uma rede privada de comunicações.

Num país como os Estados Unidos, onde as redes de TV exercem tremenda influência, elas são proibidas de recolher boletins: é através do Federal Election News, um organismo privado, registrado no Congresso e baseado em Nova Iorque, que as organizações de imprensa e as TVs obtêm os resultados e os divulgam. "As redes de TV assinam o serviço do Federal News que, dependendo da necessidade, pode dar a elas o resultado geral ou parcial da contagem de votos em um estado", informou ao **JORNAL DO BRASIL** em Washington o professor de Ciência Política Richard Smolka.

O Federal News, em nenhum instante, se atreve a proclamar um candidato vencedor. As TVs geralmente o fazem horas depois do fechamento das urnas, com projeções baseadas nos dados do Federal News. No ano

passado, as três maiores cadeias de televisão dos Estados Unidos fizeram um acordo com os partidos prometendo não divulgar suas projeções até que as urnas se fechassem na costa oeste, onde existe uma defasagem de três horas em relação à costa leste. A NBC, porém, não respeitou o acordo e, às 20h30 em Nova Iorque, quando as urnas ainda estavam abertas na Califórnia, revelou que os republicanos já tinham maioria suficiente no colégio eleitoral para garantir a presidência a George Bush. Um minuto depois, a ABC e a CBS confirmavam as previsões.

Também na Itália as TVs particulares não têm vez. O responsável pela apuração dos votos é o Ministério do Interior, e a divulgação é feita pelas três redes da televisão estatal (Rai), há muitos anos autorizada a recolher dados ou acompanhar as apurações nas várias sedes eleitorais do país. Outro tradicional, confiável e ágil apurador das eleições italianas é o Partido Comunista Italiano. Em dias de apuração, jornais, emissoras de rádio e TV e correspondentes internacionais ainda hoje preferem fazer plantão na sede do PCI. O resultado é rápido e costuma ser eficiente.

É só o que o eleitorado brasileiro busca. Deixando de lado histerias partidárias, o eleitor quer agilidade oficial, para não ficar perdido num emaranhado de desculpas conflitantes. Em Recife, por exemplo, o diretor geral do TRE, Humberto Vasconcelos, invertendo a maré dos que culpam os TREs, abriu a boca contra o Serpro, que "não estava preparado para acompanhar a velocidade da apuração manual de Olinda e Recife". Para Vasconcelos, "o número de digitadores do Serpro foi insuficiente".

Agora, é esperar que o segundo turno seja diferente — o que desde já parece problemático. É o caso de Recife. Lá, o dinheiro acabou. Não há verba nem para lanche das seções eleitorais e juntas apuradoras. E os locais destinados à apuração, como os Clubes Internacional e Português, estarão ocupados, no mês de dezembro, por festas de fim de ano e formatura. Tanta balbúrdia tem que acabar produzindo pérolas como a que, segundo o diretor do TRE pernambucano, o ministro Rezek gosta de repetir: no Brasil, "a máquina é competente, mas tem o homem por trás dela".